

## Humildade na pesquisa para construir o futuro\*

Rodolfo Ilari  
(IEL-UNICAMP)

Em 1970, o Prof. Carlos Franchi, perseguido pelos militares por ter defendido as lideranças sindicais de sua cidade, abandonou uma carreira bem-sucedida de professor efetivo do ensino secundário (ocupava na época as cadeiras de Latim e Português, ganhas por concurso, em uma escola secundária de Jundiaí) e renunciou ao exercício da advocacia (é licenciado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco) para tornar-se professor de um Instituto que se reduzia a uma sala — o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da recém-criada Universidade Estadual de Campinas. Foi assim que, depois de um estágio na universidade francesa de Besançon, viria a participar, com mais três colegas (Haquira Osakabe, Carlos Vogt e Rodolfo Ilari), da implantação do primeiro Departamento de Lingüística do país.

Nesse contexto de formação, ainda dentro do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, coube-lhe a delicada tarefa de planejar e conduzir o processo de titulação do grupo inicial, de imprimir uma orientação ao Departamento de Lingüística e dos cursos por ele ministrados e de orientar o crescimento de uma equipe que estava desenvolvendo rapidamente, com perspectivas de transformar-se em pouco tempo numa unidade universitária autônoma. Os serviços que o Prof. Carlos Franchi ministrou à Universidade Estadual de Campinas nesse contexto são inestimáveis. Como chefe de Departamento, organizou a escala de afastamentos que permitiu aos participantes do primeiro grupo alcançarem o doutorado; não por acaso, nessa escala, seu doutorado, ocorrido em 1976, foi o último. Diante da necessidade urgente de

---

\* Parcialmente reproduzido do *Jornal da Unicamp*, uni-hoje-ju 166 – tema 08.htm, p. 9, 20.4.02), com autorização do autor.

contratações, e num contexto em que eram comuns as imposições de nomes por parte da Reitoria, defendeu intransigentemente que o Departamento de Linguística da Unicamp deveria crescer segundo uma orientação pluralista, mas sem fazer concessões quanto à qualidade intelectual dos novos contratados. Foi com essa visão ampla de política universitária que o Prof. Carlos Franchi conseguiu trazer para a Unicamp os serviços dos Professores Aryon Rodrigues, Ataliba Castilho, Cláudia Lemos, Marcelo Dasca, Mário Perini e Roberto Schwartz que, junto com o grupo inicial, e um punhado de valores novos recrutados, sobretudo no curso de Mestrado em Linguística, formaram o corpo docente do Instituto de Estudos da Linguagem, criado em 1977.

No Instituto de Estudos da Linguagem recém-criado, e dirigido de 1977 a 1979 pelo Prof. Antonio Candido de Mello e Souza, coube ao Prof. Franchi, na função de Diretor-Associado, a tarefa que ele resumia nas expressões “criar condições de trabalho”, e “enriquecer os corredores”. Para o IEL, esse foi não só um período de definição institucional e administrativa (foi nesse período, por exemplo, que a totalidade do corpo docente passou a atuar em regime de período integral, uma opção que foi aberta inclusive aos professores de línguas), mas ainda o período de gestação de alguns importantes projetos coletivos de pesquisa (como o Projeto “Estudo da Aquisição da Linguagem”), de publicações da produção do departamento (por exemplo: os *Cadernos de Estudos Lingüísticos*) e de realização de encontros memoráveis (por exemplo, o PILEI de 1981 e o *Primeiro Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem*).

O sucesso dessa administração, que redundava no crescente prestígio do Instituto de Estudos da Linguagem em nível nacional e internacional, fez com que o nome do Prof. Franchi fosse lembrado para exercer a presidência da *Associação Brasileira de Linguística* e o levou naturalmente à direção do próprio Instituto de Estudos da Linguagem, cargo no qual tomou posse em 1979, depois de uma eleição unânime. O mandato de quatro anos foi suspenso por um ato do então governador Paulo Maluf que demitia de seus cargos treze diretores de unidade acusados de trabalhar por uma universidade menos burocrática e menos subserviente ao poder do momento, e os aposentava compulsoriamente.

Contrariamente a outros diretores afastados na mesma ocasião, o Prof. Franchi optou por não reivindicar sua reintegração aos quadros da Unicamp. Começava então para ele um período em que sua atividade de pesquisa e seu trabalho de formação de novos valores teriam que se exercer, em grande parte, à margem da universi-

dade à qual havia dedicado o período mais profícuo e mais intenso de sua vida. Na Unicamp, foi ainda responsável pelo mestrado ou pelo doutorado de vários docentes que hoje gozam de merecida projeção: Wanderley Geraldi, Sírío Possenti, Maria Irmã Hadler Coudry, José Borges Neto (UFPR), Daniel Leonard Everett (Univ. da Pennsylvania), Márcia Caçado (UFMG), Sérgio de Moura Menuzzi (UFRGS); fora da Unicamp, foi responsável por um longo trabalho de docência que, por quase duas décadas, contribuiu para despertar vocações e dignificar a investigação lingüística em algumas das principais escolas superiores do país (Universidades de Porto Alegre, Florianópolis e Rio de Janeiro), e que, acima de tudo, foi decisivo para que se criasse um importante centro de pesquisa sintático-semântica na Universidade de São Paulo. De fato, as equipes de pesquisa que hoje atuam no Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo sob a direção das professoras Ana Lúcia Müller e Esmeralda Vailati Negrão, com merecida repercussão no Brasil e no exterior, reconhecem no Prof. Franchi seu mestre e principal mentor. Mencione-se ainda sua passagem pelo Conselho Científico do CNPq, para o qual foi eleito como representante da comunidade científica, em mais uma prova da unanimidade do seu reconhecimento.

A produção científica do Prof. Franchi é altamente informal, tendo preferido a exposição em seminário ao impresso, e o *working paper* ao livro, mas é ampla e influente. Trata de temas à primeira vista disparatados, como a sintaxe gerativa-transformacional, o ensino de língua materna e a lógica que subjaz às operações lingüísticas, mas tem, a unificá-la, as características da densidade crítica e da riqueza da informação bibliográfica, assim como o retorno sempre enriquecedor a motivos que se revelaram profícuos em vários campos da investigação lingüística, como a tese da indeterminação das línguas naturais, a tese de sua historicidade e a de que sua construção depende de um trabalho coletivo que compromete com a história as competências simbólicas mais fundamentais do ser humano. Essa produção situa, de maneira magistral, categorias fundamentais para a investigação teórica e prática, como as de “função” e “categoria” ou a de “atividade epilingüística”. É, muitas vezes, o resultado das parcerias e das amizades intelectuais que o Prof. Franchi manteve, ao longo dos anos, com generosidade e humildade. É, acima de tudo, uma produção que chamou e chama o interesse dos leitores independentemente de qualquer esquema promocional.

Num contexto universitário, tão dado ao cumprimento de metas burocráticas, mas tão pouco eficiente em provocar a fermentação de novas idéias, homenagear o Prof. Carlos Franchi é muito mais do que recuperar a história e expressar um protesto de gratidão a alguém que dedicou parte de sua vida a construir as condições privilegiadas em que se ensina a pesquisa no Instituto de Estudos da Linguagem.

É, acima de tudo, reafirmar nossa vontade de pautar nossa atuação em valores sem os quais a Universidade se desagrega, como a capacidade de não transigir em matéria intelectual, a vontade de pesquisar com humildade e o desejo de construir o futuro com grandeza e desprendimento.